Renata Whitaker Horschutz

O corpo como instrumento da psique na criança

Trabalho apresentado no XX Congresso da Associação Junguiana do Brasil – Filiada a IAAP – International Association for Analytical Psycology realizado em 2012 – São Pedro - Brasil

Este trabalho é fruto de minhas observações e atendimento psicológico a crianças e adolescentes, aliado ao de seus pais ou cuidadores.

Trata-se de jovens de nível sócio econômico privilegiado, portanto com acesso a uma boa alimentação e educação, condições *a priori* consideradas ideais para um bom desenvolvimento psíquico.

Surpreendentemente, chegam ao meu consultório apresentando inúmeros distúrbios psicossomáticos, como agressividade, dificuldades de concentração e aprendizagem, dores de cabeça ou abdominais, dificuldade ou compulsão alimentar, distúrbios do sono, problemas respiratórios ou mesmo angústia decorrente do medo de abandono, timidez e complexos decorrentes de relações familiares conturbadas.

Na busca por um diagnóstico, procuro me ater, para além de seu histórico familiar, a expressões e movimentos corporais, gestos, atitudes e linguagem, pois é através deles que reconheço muitos distúrbios comportamentais, corporais e psíquicos.

Uma má postura física, por exemplo, pode ser consequência de dificuldades para enfrentar problemas, revelando a forma como o indivíduo se "dobra" diante da premência de ultrapassar os obstáculos.

O psíquico e o emocional utilizam o corpo como instrumento para se expressarem positivamente, ou através de somatizações e tensões emocionais, que o desorganizam e geram um mau funcionamento do organismo.

Todos temos tendência a somatizar quando questões internas ou externas bloqueiam nossos afetos de tal maneira que somos incapazes de lidar com eles, nos defendendo ou traduzindo em palavras o que nos aflige.

No processo terapêutico ocorre que, muitas vezes, ao irmos adentrando o universo psíquico do paciente, suas questões psicossomáticas e tendências recorrentes de adoecimento físico desaparecem, como efeito secundário do processo de análise, pois ao atendermos portadores de enfermidades físicas estamos incluindo a dimensão simbólica do indivíduo na geração da doença e da saúde.

Assim, as somatizações apresentam-se como dramas ocultos que se desenrolam no interior de cada indivíduo. Porém, muitas pessoas que apresentam problemas psicossomáticos não possuem consciência de sua dor psíquica e em geral negam qualquer vínculo entre seu sofrimento e a questão física que desenvolveram.

O Analista não pode esquecer que a causa de tal reação deve-se muitas vezes ao temor inconsciente que por vezes o analisando possui de que os sintomas, apesar da dor que geram, desapareçam, e é muitas vezes por isso que algumas pessoas, mesmo tendo procurado uma terapia, não conseguem entrar em processo.

Muitos sintomas psicológicos e físicos são recursos de que a psique lança mão para manter a sobrevivência, sendo portanto compreensível a dificuldade que o indivíduo encontra para transformá-los, pois terá que suportar a mudança, a qual muitas vezes pode se apresentar como algo ameaçador, por ser desconhecido.

Em seu livro "Símbolos da Transformação", Jung aborda extensamente a ideia do sacrifício, que este é um ato de fé, de acreditar que é possível uma transformação. Porém, no momento anterior a esse processo o indivíduo desconhece as consequências desta mudança em sua vida: há pessoas que ficam presas no universo da grande mãe e não tomam consciência de seus dramas, permanecem fixadas na origem e não se desenvolvem, não entregando espontaneamente o sacrifício que a sua vida pede. Tal recusa leva à estagnação e à mutilação, isto é, à cobrança da exigência não atendida, que se manifestará por meio de adoecimento físico ou psíquico.

No *Livro Vermelho*, Jung igualmente aborda a questão do sacrifício: O espírito da profundeza disse: "Ninguém pode nem deve impedir o sacrifício. Sacrifício não é destruição. Sacrifício é pedra angular do que virá. Não tivestes mosteiros? Não foram para o deserto inúmeros milhares? Deveis trazer mosteiros dentro de vós mesmos. O deserto está em vós…o chamado do deserto quebra todas as correntes. Verdadeiramente, eu vos preparo para a solidão".

Depois disso, calou-se meu ser humano. Mas ao meu ser espiritual aconteceu algo que preciso chamar de graça.

Minha linguagem é imperfeita. Não que eu queira brilhar com palavras, mas por incapacidade de encontrar aquelas palavras é que falo em imagem. Pois não posso pronunciar de outro modo as palavras da profundeza.

A graça que me aconteceu deu-me fé, esperança, ousadia suficiente para não continuar resistindo ao espírito da profundeza, mas falar suas palavras. Mas antes que pudesse cobrar ânimo para assim proceder, precisei de um sinal visível que me mostrasse que o espírito da profundeza em mim é também ao mesmo tempo o senhor da profundeza do que acontece no mundo. JUNG, p.6.

Nos pacientes somatizadores há uma dificuldade em realizar os sacrifícios necessários, o que tem como consequência uma separação entre psique e soma, patente no fato de que eles não se dão conta das emoções angustiantes. Assim, apagam da consciência as ideias ou lembranças de qualquer afeto conflituoso importante.

O paciente não é uma máquina que precisa de reparos, e sim um ser humano que necessita de conforto, amparo, que tem emoções, sentimentos, esperanças, temores, alegrias, mágoas, tem parentes, lar enfim uma história de vida.

O ser humano não adoece somente por fatores concretos - físicos e químicos - mas também por fatores simbólicos e situações de vida, tais como quebra de laços familiares, da estrutura social, obstáculos à realização pessoal, separação, privações, conflitos.

Os fenômenos humanos têm sempre uma motivação, nada acontece por acaso. O adoecer não é um evento casual; está integrado à biografia do indivíduo.

A doença é uma reação ativa do organismo e não apenas um efeito de estímulos nocivos.

Em seu livro "Re-vendo a Psicologia", Hillman fala em cultivo da alma, afirmando que adoecer é uma maneira de se fazer alma, é uma tentativa de cura do sistema. Acrescenta ainda que o sintoma vem da alma, é a fala e a manifestação da essência. Desse ponto de vista, a patologia é uma função e não uma disfunção.

O adoecimento não deve ser visto como algo que se impõe negativamente e que deve ser exorcizado, mas como algo verdadeiro, autêntico, autônomo e necessário, pois é uma maneira de lançar o indivíduo na prospecção e não na redução, é um fio condutor em nosso ser, trançado em cada complexo.

Pacientes adultos psicossomáticos têm um funcionamento psíquico análogo ao dos bebês, os quais, ao não conseguirem utilizar as palavras como um meio de expressão dos seus pensamentos e afetos dolorosos, só conseguem reagir somatizando. Suas estruturas psíquicas encontram- se totalmente ligadas ao corpo, sendo portanto não verbais, o que explica a somatização quando, por exemplo, o bebê sofre uma separação drástica da mãe, ou passa por uma vivência muito negativa, não conseguindo fazer uma distinção clara entre si e o ambiente.

Quando um adulto passa por uma circunstância similar à vivida na primeira infância, se não tiver ganho consciência, acabará somatizando como uma forma arcaica de funcionamento psíquico que não utiliza a linguagem.

Por isso, saber utilizar positivamente o olhar e os gestos permite que a pessoa mobilize a própria atenção e a do outro, propiciando assim uma melhor interação com o ambiente e a possibilidade de fazer-se conhecer.

Muitas vezes percebo que os gestos são subaproveitados nas relações sociais, o que gera muitos mal-entendidos, tensão, constrangimentos, desorganização e baixa autoestima, pois a resposta do meio será de acordo com a sua compreensão.

O olhar diz por vezes muito mais que as palavras, sendo um contato inicial entre as pessoas, anterior à expressão verbal. A criança vê antes de falar, portanto o olhar realmente, como se diz popularmente, é o espelho da alma. Se a pessoa apresentar, por exemplo, um olhar furtivo, gerará nos outros a percepção de hipocrisia, mentira, falta de sinceridade, enquanto que um olhar seguro transmite serenidade, segurança. Portanto o olhar gera comunicação e mobiliza a atenção.

Até os 7 anos a criança não apenas se manifesta mais espontaneamente por meio da expressão corporal do que pela fala, como, da mesma forma, assimila mais eficientemente os gestos e movimentos dos adultos do que seu discurso. Cabe, portanto, salientar neste momento a extrema importância da coerência e autenticidade de qualquer expressão manifestada por um adulto. Quando tal não ocorre a criança corre um sério risco de dissociação e consequente desenvolvimento de uma neurose.

Um caso ilustrativo deste problema acaba de ocorrer em meu consultório, onde venho acompanhando um menino de 11 anos, adotado por um casal de bom nível sócio-econômico. Com transtorno de conduta, a criança manifesta forte agressividade. Para

contê-la, o pai, um indivíduo naturalmente afetuoso e acolhedor, acaba, sentindo-se impotente, por agredi-lo fisicamente, regredindo ele mesmo a uma fase pré-verbal, e assim estimulando ainda mais o menino a se manifestar agressivamente.

Seria interessante salientar, neste ponto, inúmeros casos de crianças com diagnósticos de déficit de atenção. Quantas não estarão simplesmente se refugiando em seu mundo interno como uma forma de se defenderem de uma estrutura familiar violenta, ou doentia? Até que ponto esse mundo interno não se constitui, na verdade, na sua sobrevivência, na única possibilidade que encontram de preservar seu desenvolvimento psíquico e seu potencial criativo, ameaçados pelo mundo externo? Talvez esteja igualmente neste questionamento a explicação para o fato de que inúmeros estudantes com mau rendimento escolar se tornem excelentes profissionais, quando adultos. E mais uma vez cabe questionar, diante dos dados expostos, o papel da medicação utilizada para tratar o déficit de atenção: até que ponto tais medicamentos não são, na verdade, meramente inibitórios da defesa primordial para a estruturação psíquica de um indivíduo? Há, portanto, uma fundamental necessidade de um criterioso e cuidadoso estudo investigativo, antes de se prescrever qualquer tipo de medicação e de se fazer tal diagnóstico.

Perceber a importância dos códigos não verbais na comunicação é fundamental para direcionar o trabalho do terapeuta, pois há uma enorme relação entre o corpo e a vida emocional. Sendo a expressão corporal a linguagem que a criança utiliza para expressar o seu mundo interior, é de suma importância estabelecer com o corpo uma relação de escuta. Para que tal ocorra é necessário que prestemos atenção, silenciemos, estejamos livres de pré-conceitos e principalmente nos encontremos presentes em nosso próprio corpo, cuja linguagem a criança capta.

Os gestos transmitem mensagens, reforçam o discurso oral e expressam os nossos sentimentos. Gestos desordenados, repetitivos, tiques podem indicar um estado de ansiedade ou de tensão que dificultam a comunicação.

O corpo é um instrumento fundamental para a estruturação da identidade e para o conhecimento do mundo. Assim, se tentarmos transmitir à criança nossos pensamentos e objetivos unicamente por meio de palavras, podemos nos revelar incoerentes, gerando frustração e dificuldade de aprendizagem.

A criança necessita, para a sua estruturação, da nossa presença, da nossa mão estendida, do nosso olhar, do nosso colo, de que muitas vezes, ainda que não tenhamos o que dizer, permaneçamos ali junto dela, acolhendo aquele olhar e aquela expressão que muitas vezes é de intenso sofrimento. Devemos oferecer-lhe uma postura que lhe transmita segurança, tranquilidade, a sensação de pertença.

O corpo é o primeiro lugar onde se dá o aprendizado. A criança que não desenvolve a curiosidade pelo próprio corpo, antes de a manifestar pelo ambiente, em geral desenvolve problemas de aprendizado, pois é através de suas sensações e experiências motoras que desenvolverá conceitos abstratos sobre o mundo, o que ocorre até aproximadamente os sete anos.

Até essa idade, a criança aprende basicamente pela imitação e pelo conjunto expressivo do adulto: modulação de voz, mímica , gestos corporais e atitudes. Sendo frequentemente a mensagem que o adulto transmite dúbia, expressando o corpo uma coisa e as palavras outra, a criança tenta criar em vão uma associação dentro de si, o que gera insegurança, desconfiança e até somatizações.

Há algumas décadas, os bebês eram considerados páginas em branco, sem um sistema nervoso desenvolvido, portanto seres que não sentiam dor, por tal vítimas de

procedimentos cirúrgicos sem anestesia. No entanto, ainda hoje a dor física ou psíquica da criança é relativizada, pois pais, médicos e professores acham-na não digna de atenção, posto que, segundo creem, sua intensidade é menor. Assim, é comum que as submetam a exames médicos extremamente invasivos, buscando um diagnóstico para um mal de natureza física que, na verdade, nada mais é do que uma dor emocional se expressando por meio do corpo.

Iniciei recentemente o atendimento terapêutico a uma criança de 6 anos que desde um ano e meio de idade vem sendo submetida a exames de ressonância magnética, por ter um tumor benigno no plexo braquial. Antes de realizá-los, aplicam-lhe, para que ela não se mova, uma anestesia com gás, da qual ela tem muito medo, a ponto de o verbalizar: " por favor não me deem aquela coisa que eu morro quando cheiro". Quando esta criança chegou ao meu consultório, veio com uma queixa de muitos medos, chegando a ter muitos sintomas de pânico: sudorese, taquicardia , não suportava que nada cobrisse seu corpo acima da cintura (nem mesmo um lençol), não vestia nenhuma fantasia que incluísse máscara e recusava-se a vestir qualquer peça de vestuário que passasse pela cabeça, pois temia qualquer objeto que lhe tapasse o rosto.

Ao longo do processo terapêutico, este menino foi construindo cenários na caixa de areia, nos quais com frequência enterrava pessoas, afirmando que se encontravam machucadas e sufocadas, meio pelo qual ele conseguiu manifestar sua angústia e temores. Este método proporcionou-nos também a aproximação física, algo impensável nas primeiras sessões, pois ele não permitia o toque. A caixa deu-lhe, aparentemente, um limite para expressar seu corpo, ali contido e protegido, visto que, até então, seu espaço fora tão invadido e ameaçado.

Outra criança, de 7 anos, que acompanho em meu consultório, apresentava muitas somatizações: dor de estômago, vômito, angústia de separação. Após ter sido submetida a muitos exames invasivos, como colonoscopia e endoscopia, sem nenhum resultado

conclusivo, tomou muitas medicações injetáveis, o que gerou muito sofrimento e medo. Porém, a verdadeira causa de seus sintomas estava em sua mãe, que sofria de ansiedade, era depressiva e, temendo que o filho morresse, projetava seus sintomas na criança, nela provocando os sintomas de doença.

Presa em seus sofrimento psíquico, não era capaz de perceber e interpretar os gestos de seu filho, impondo e projetando suas necessidades e desejos e gerando na criança um sentimento de frustração por não poder desenvolver seus códigos internos, o que traz à tona emoções de raiva e angústia. Sem poder expressá-las, principalmente por se tratar da sua mãe, por quem essa criança nutre sentimentos ambivalentes, acaba somatizando, assim reforçando os temores de sua mãe e gerando um círculo vicioso.

Os desenhos da figura humana, da árvore e da casa, ou seja o HTP dessa criança, eram bastante regredidos, não apresentavam nenhuma representação, eram garatujas ou borrões. Portanto, não manifestava a existência de esquema corporal, não tendo desenvolvido a noção de espaço ou tempo, e muito menos da própria existência.

Com essas crianças precisamos desenvolver a noção de espaço e de tempo para, a partir daí, lhes dar meios de desenvolverem sua própria representação e do mundo, ensiná-las a discriminar o que lhes pertence e o que é outro ou do ambiente, ou seja, realizarmos uma função paterna que as separe da mãe, para que, posteriormente, sejam capazes de simbolizar e abstrair. Formar dentro de si uma representação mental e realista da mãe e do pai, vistos como pessoas com qualidades e dificuldades, permitirá que a criança assuma por si própria as funções paternas introjetadas, o que é essencial à estruturação do psiquismo e ao ganho de autonomia. Infelizmente, porém, muitas vezes as introjeções saudáveis que acontecem nesse processo podem não corresponder ao pai e mãe pessoal e concreto.
Somente assim o indivíduo consegue adquirir uma representação de seu próprio corpo e descobrir que o seu mundo interno possui um tesouro que pertence somente a ele e ao

qual somente ele terá, portanto, acesso, assim conseguindo ter pensamentos, sentimentos e percepções próprias.

Há igualmente jovens adolescentes que, apesar de não terem nenhum problema cognitivo, apresentam dificuldade de aprendizagem por ainda se encontrarem regredidos, em fases de desenvolvimento emocional e de estruturação da própria identidade corporal e psíquica. Apresentam ainda dificuldade de lateralidade, desorganizam-se corporal e temporalmente, acabam por apresentar um baixo rendimento escolar e uma consequente baixa autoestima, acham-se " burros", não conseguem compreender símbolos, metáforas, provérbios, muitas vezes erram os exercícios escolares por não compreenderem o enunciado, ou por não saberem se expressar. Desenvolvem dificuldade de socialização.

Precisamos perceber onde esses indivíduos estagnaram seu desenvolvimento, para os ajudar a retomá-lo. Muitas vezes é necessário fazer isso corporalmente, visto que a palavra, dentro de um processo de desenvolvimento, surge somente mais tarde.

Tudo isso leva-nos a concluir o quanto questões não elaboradas da infância podem gerar problemas psicossomáticos futuros. Ao trabalharmos com a psique humana, a qual é sempre criativa, entramos em contato com aquilo que constrói e com o que destrói, ou seja, com a psicopatologia em seu real significado, estudo das paixões da alma.

Podemos instrumentalizar as crianças que chegam aos nossos consultórios, para que ampliem a visão de si próprias e do mundo, desenvolvendo recursos para possuírem um corpo mais coordenado e uma psique mais estruturada, gerando uma sintonia entre psique e soma.

Todas as crianças trafegam, por assim dizer, entre dois mundos. Ora se refugiam em seu universo interior, voltando-se para dentro de si mesmas, onde podem vivenciar qualquer fantasia, ora se comunicam com o mundo externo, sem que isso se constitua num

distúrbio comportamental. Procurando aproveitar essa riqueza psíquica, tenho proposto, em meu consultório, atividades que estimulam tanto sua organização interna, como externa. Isso é possível por meio de duas formas de movimentos corporais: contração e expansão.
Assim, proponho alguns movimentos de contração e expansão por meio da dança, de relaxamento (técnica de Michaux e Schutz) e Calatonia. Por fim, faço com a criança uma objetivação, para que aquelas experiências possam ser incorporadas na vida concreta.

Nos movimentos de contração a criança volta-se para si mesma, conhecendo-se; através dos movimentos de expansão a criança volta-se para o mundo.

Isso é possível de muitas maneiras: desenvolvendo-se a noção espacial - a criança fará esses movimentos no nível baixo, do chão, depois ela passa para o nível médio, sentada ou agachada, e por último no nível alto, em pé - tudo isso obedecendo a ritmos diferentes de música ou palmas.

O terapeuta chama a atenção para a percepção do corpo, do olhar, visto que em cada nível o olhar muda de posição - quando a pessoa fica em pé é esperado que o olhar vá para a linha do horizonte, onde a pessoa se coloca em relação com o outro e com o ambiente. Vamos então trabalhando sua relação com o próprio corpo, consigo mesma, fazendo-a tocar-se e tomar consciência das transformações e percepções que vão ocorrendo, de como ela chegou para a sessão e como está saindo, onde estava tensa, como estava seu ritmo respiratório, em qual direção seu olhar apontava. Conforme o paciente vai conseguindo colocar em palavras suas percepções e sensações, vamos podendo acessar núcleos mais profundos da psique, ou seja, se houve alguma lembrança, emoção, ou imagem no decorrer dos movimentos, o que permite uma tradução gradual, passando-se dos gestos para a verbalização. Vai então ocorrendo uma abstração, simbolização e, nesse momento, a pessoa já está apta a se auto-representar e, portanto, a se relacionar com o outro e com o mundo. É então iniciado um trabalho de socialização, ou seja, poder

olhar no olho do outro, receber o toque do outro, diferenciar-se e, finalmente, relacionar-se. Estes casos ilustram claramente a conexão indissociável entre motricidade e psiquismo.

Quero agora dirigir minha reflexão para o início da vida, onde tudo começa e é justamente isso que nos faz sermos seres tão complexos.

No útero o feto move-se e é sensível a estímulos luminosos, táteis e sonoros. Sabe-se hoje que no Sistema Nervoso Central a região da amígdala forma-se aproximadamente aos 40 dias de gestação e é fundamental para a autopreservação, pois identifica o perigo, gerando sentimentos de medo e ansiedade, registra as memórias olfativas e táteis, sensações, emoções e traumas vividos desde a fase intrauterina.
Essa região da memória não tem como ser acessada através das palavras, que ainda não existem nesse período em que ela já está formada, portanto sendo possível fazê-lo somente via corpo ou imagem.

Ao ser tocado pela mãe, o bebê tem essa percepção através da pele, que a transmite ao sistema nervoso central, já iniciando a construção do esquema corporal. A pele é importantíssima na vida toda e principalmente nos 7 primeiros anos de vida, pois ela é a referência do que separa o mundo de dentro e o de fora. É através dela que vai se formando a idéia de uma unidade. É formada no mesmo período embrionário que o sistema nervoso central, portanto ao tocá-la suavemente é como se estivéssemos tocando o sistema nervoso, daí a sensação de tranquilidade, de desligamento das preocupações externas que as pessoas sentem quando recebem um cafuné ou um toque sutil sobre a pele.

Pesquisas em psiquiatria e em neurociência realizadas na Universidade de Washington de Saint Louis comprovaram que crianças criadas com afeto têm o hipocampo 10% maior que as demais.

Para o estudo, os especialistas analisaram imagens cerebrais de crianças com idades entre 7 e 10 anos que, quando tinham entre 3 e 6 anos, foram observados em interação com algum de seus pais, quase sempre com a mãe.

Foram analisadas imagens do cérebro de 92 dessas crianças, algumas mentalmente saudáveis e outras com sintomas de depressão. As saudáveis e criadas com afeto tinham o hipocampo quase 10% maior que as demais, o que gera um forte impacto no desenvolvimento posterior.

fonte: http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1041657-criancas-criadas-com-afeto-tem-hipocampo-maior-revela-estudo.shtml acesso em 04/04/2012

"Os estudos sobre o comportamento animal em primatas apontam a importância fundamental das relações afetivas na vida mental. As famosas experiências dos Harlow, na década de 1960, já demonstram que a ausência materna causava problemas irreversíveis nos filhotes de macacos. A separação em idades mais maduras, no entanto, já não ocasionava um efeito tão catastrófico." BASTOS, p.42

"As experiências afetivas que moldam o caráter e proporcionam o desenvolvimento da personalidade ocorrem no início da vida infantil. Carências afetivas profundas podem dificultar o surgimento do amor-próprio e desencadear reações compensatórias que vão gerar sérios distúrbios na formação da identidade adulta." BASTOS, p.43

O desenvolvimento do ser humano nunca acaba, pois possuímos a região do neocórtex maior que a dos outros animais e é justamente isso que faz com que o homem permaneça buscando aprender e conhecer o que está a sua volta. Esta é uma característica denominada neotenia, ou seja, a persistência de cada adulto de se manter criança, o que nos possibilita a capacidade de aprendizado por toda a vida. Os aspectos afetivos e cognitivos interligam-se para proporcionar novas aquisições de conhecimento. Por isso

vemos indivíduos adultos se infantilizarem para poderem aprender, conversando, fazendo piadas e brincadeiras em situações de aprendizado.

É fundamental que saibamos conviver com nossa própria infantilidade, porém indivíduos que tiveram vivências muito negativas na primeira infância, quando o sistema nervoso está se estruturando, podem tentar criar uma identidade adulta precoce e tornar-se prisioneiros da sua *persona,* assumindo uma postura extremamente rígida, embora na verdade não amadureçam nunca.

O amadurecimento da personalidade e do sistema nervoso acontece paralelamente, pois a mielinização das fibras nervosas acontece no sentido das estruturas mais primitivas e fundamentais para as mais recentes e sofisticadas, o que explica que uma sobrecarga emocional de experiências negativas ou dolorosas nas primeiras vivências pode criar registros de memórias potencialmente adoecidas que irão atrasar ou inibir o amadurecimento das estruturas neurais. Indivíduos com sinais de imaturidade do sistema nervoso apresentam também uma visível imaturidade emocional. É possível supor que as conexões límbico-corticais de pessoas que passaram por questões muito sofridas no início da vida tenderão a seguir os mesmos caminhos de conexões que foram criados na infância e a se manterem fixados nessa fase, por mais sofrimento que isto gere.

Ilustrando esta teoria, podemos citar o caso de uma paciente, cujo nome fictício é Isabel: sua infância foi marcada por espancamentos, fruto de muita raiva contida de sua mãe, igualmente vítima de violência física, e por um pai ausente, por demais absorvido em seus dramas pessoais, entre os quais a possível homossexualidade e o trauma do suicídio de seu pai, aos 12 anos. Criança muito solitária, encontrou refúgio na literatura, que lhe permitiu vivenciar o mundo, com suas infinitas possibilidades de vida. Assim, devorando livros, pôde romper com os condicionamentos e aprisionamento, libertando-se aos 18 anos, casando com um estrangeiro e indo viver em outro país. Porém, deu-se conta, na maturidade, que havia repetido a "saga" familiar, escolhendo um parceiro psiquicamente

imaturo, ainda numa fase infantil bastante regredida, que a obrigava a assumir um papel materno. Como tal, acabou exercendo a tirania de que havia sido vítima em sua infância, tendo que educar, cuidar, alimentar um filho que rejeitava. Ao tomar consciência da situação, deu-se igualmente conta de que a vida lhe exigia uma reação, um sacrifício, dos quais depende sua integridade. Tal percepção manifestou-se por meio de diversos recursos, entre eles a depressão, assim como a repetição de sintomas físicos semelhantes àqueles sofridos durante a infância, como intensas dores na coluna e na cabeça, por vezes limitantes para sua mobilidade. A ausência de uma atitude que a tire do impasse e do sofrimento refletem-se na dificuldade de movimentos físicos. Atormentada pela urgência de encontrar uma saída e de pôr fim a uma situação repetitiva, ela deu-se igualmente conta de que havia fugido de casa dos pais para entrar num universo semelhante, o que a faz sentir encurralada.

Retomando a questão da importância do afeto relacionado ao toque, é importante salientar que estes devem ocorrer em atividades rotineiras da vida do bebê, ou seja, no banho, na amamentação, no vestir. É importante que o toque sempre procure trazer unidade e globalidade para a criança, ou seja, tocar o bebê de maneira que ele sinta que as partes do seu corpo são um conjunto, isto é, tocá-lo seguindo uma sequência corporal: pés, pernas, tronco, braços, pescoço e cabeça e nunca de forma desagregada, dos pés passando para os braços, por exemplo, pois assim ele terá dificuldade em se perceber como um todo, pois tanto na mais tenra infância quanto mais tarde, a criança necessita de contorno corporal para se estruturar.

Os movimentos e o toque, além de colocarem a criança em contato com o espaço, ativam o sistema proprioceptivo, o qual informa as sensações internas. Este sistema é a estrutura orgânica que informa o cérebro sobre o estado de cada parte do corpo humano, como os músculos, articulações, ossos, e sua relação com o todo corporal. Informa também sobre a relação do corpo com o espaço que o rodeia.

Há crianças que apresentam uma dificuldade em relação à percepção do próprio corpo, não percebendo posturas que comprometem sua saúde. Ao lhes pedirmos que coloquem os pés paralelos, quando em pé, elas posicionam um mais à frente do outro, ou mesmo se, estando deitadas tortas, lhes dermos somente a referência verbal de que assim se encontram, elas não percebem; se persistirmos, arrumando-as, elas terão a sensação de estar tortas.

Muitos sintomas podem surgir com relação ao sistema proprioceptivo:
dificuldade de equilíbrio, de localização espacial, de percepção sensorial, de movimentos oculares, dores corporais causadas por má postura e até dislexia e problemas de aprendizagem.

Em geral crianças com dificuldade de construir o gesto tentam captar o mundo através de seus olhos, porém por estarem descoordenadas, não conseguem ter tempo de elaborar as imagens assimiladas do mundo externo.

É muito importante que essas crianças descubram os seus ossos, essa estrutura que nos sustenta e de onde a vida surge, visto que o sangue se forma dentro deles, perceber os movimentos, visualizar um esqueleto e tocar no próprio corpo para que possam sentir, perceber suas articulações e como estas se movem, para que se tranquilizem e tenham devolvido seu equilíbrio interno. Podemos trabalhar essas estruturas ósseas com movimentos de percussão, pressão, tanto com as mãos como com bolinhas de tênis, e assim vamos ensinando a criança a ser dona de seu próprio corpo, essa casa onde sua alma habita, onde ela pode vivenciar sensações, desejos, emoções, intenções e a possibilidade de comunicação.

Observo na minha vida e na de meus pacientes que, toda vez que não conseguimos conter nossas emoções e refletir sobre elas para crescermos em nível de consciência, e assim tomarmos uma decisão coerente sobre o que fazer, do mesmo modo, descarregamos estes

afetos na ação, porém de maneira adoecida: provocando brigas no meio em que estamos inseridos, comemos, bebemos demais, sofremos acidentes, pegamos um resfriado ou desenvolvemos doenças mais graves ou crônicas, como uma descarga no corpo dos acontecimentos carregados de afeto, mas não elaborados psiquicamente, como uma metáfora para o sofrimento psíquico.

A cada momento da vida o psiquismo utiliza o corpo como instrumento. O que vai para o corpo é como uma melodia, cuja letra, porém, permanece inaudível e somente quando tanto a melodia como a letra se complementarem e puderem ser tocadas juntas, com emoção, ritmo, tempo e sua colocação no espaço é que teremos uma composição realmente bela e integrada, onde a essência se mostrará em sua plenitude.

BIBLIOGRAFIA:

BASTOS, C.L.,(2011). Manual do exame psíquico. Rio de Janeiro, Revinter

HILLMAN, J., (1975). Re-visioning Psychology. New York: Harper Collins Publishers.

JUNG,C.G., Obras Completas de C. G. Jung. Vol.V, Símbolos da Transformação. Petrópolis, Ed.Vozes.

TRINDADE A., Gestos de Cuidado, Gestos de Amor. SP. Ed. Summus.

MC DOUGALL J., Teatros do Corpo. SP. Ed. Martins Fontes

PIRET e BÉZIERS. A Coordenação Motora. SP. Ed. Summus.

BÉZIERS E HUNSINGER. O Bebê e a Coordenação Motora.SP. Ed. Summus.

STRUIFF, G.D. As Cadeias Musculares G.D.S. SP. Ed. Summmus

SCOZ, B. Por uma Educação com Alma. Petrópolis. Ed. Vozes.

ANZIEU, D. O Eu Pele. Ed. Casa do Psicólogo

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/1041657-criancas-criadas-com-afeto-tem-hipocampo-maior-revela-estudo.shtml acesso em 04/04/2012

Autora: ***Renata Whitaker Horschutz*** *- Psicóloga; analista Junguiana; membro da AJB (Associação Junguiana do Brasil); membro do IJUSP (Instituto Junguiano de São Paulo), membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology), membro da ISST (Intenational Society for Sandplay Therapy), especialista em atendimento infantil.*